



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA ESTUDANTES SURDOS EM CLASSES REGULARES: INVESTIGANDO A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE PROFESSORES E INTÉRPRETES EDUCACIONAIS

Daniela Souza Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: danysouza86@hotmail.com

Ana Cristina Santos Duarte

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: tinaduarte2@gmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação inclusiva é um tema bastante discutido, seja por intermédio de pesquisas, realização de palestras, promoção de seminários e debates, dentre outros meios de difusão do conhecimento. A educação inclusiva, visa à inserção de todos os alunos, sem exceção, na sala de aula regular, onde não mais o alunado tem que se adaptar as exigências estabelecidas pela escola e sim a própria instituição de ensino deve se adaptar as necessidades educacionais apresentadas pelos estudantes (MANTOAN, 2002).

Na área educacional, juntamente com o advento da educação inclusiva, esses alunos passam a estar incluídos na rede regular de ensino e não mais restringidos a cursarem as classes especiais. Dessa forma, adentram a rede regular de ensino grupos minoritários que carregam consigo uma trajetória histórica marcada pelo preconceito. Dentre esses grupos se encontram os surdos, que por muito tempo teve o acesso à educação negada apenas por não utilizarem a língua oral.

Aqui no Brasil, através da lei de nº 10.436/02, regulamentada pelo decreto 5.626/05, a Língua Brasileira de Sinais passa a ser reconhecida como língua oficial da comunidade surda. Em relação à educação, a inclusão do aluno surdo no ensino regular deve ocorrer por intermédio da educação bilíngue, ou seja, o uso da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e como segunda a língua oficial do seu país, ou seja, a língua portuguesa (GOLDFELD, 2002).



Pela falta de conhecimento da língua de sinais dos surdos por parte dos membros escolares, além do fato dessa língua não poder ser utilizada de forma simultânea com a Língua Portuguesa pelo professor, pois estas são constituídas por estruturas gramaticais próprias, um novo profissional adentra a sala de aula, o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais, também conhecido como Intérprete Educacional (FELTRINI; GAUCHE, 2007). Nessa perspectiva passará a frequentar a sala de aula, além do professor e do aluno ouvinte, o intérprete educacional e o aluno surdo. Assim, a relação entre o professor de Ciências e Biologia e o intérprete educacional é um campo a ser investigado nessa nova estrutura de sala de aula, pois ambos os profissionais tem atuado diretamente no processo educacional do estudante surdo e logo o estabelecimento de uma parceria ou não terá implicações diretas na prática pedagógica de cada um.

Assim, esse trabalho tem por objetivo Identificar a relação existente entre o professor de Ciências e de Biologia e o intérprete de Libras.

METODOLOGIA

Para compreendermos a realidade vivenciada pelos Intérpretes Educacionais e pelos professores de Ciências e de Biologia no atual contexto da educação inclusiva, além de promover uma autorreflexão em cada um desses sujeitos sobre as dificuldades e as possibilidades em se ensinar Ciências e Biologia para estudantes surdos, optou-se pela linha de pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2004), esta responde a questões muito particulares ao se aprofundar no universo dos significados, das ações e relações humanas.

A pesquisa foi desenvolvida em três escolas públicas no município de Jequié-Bahia e teve como participantes, três professores de Ciências (PC1, PC2 e PC3), dois professores de Biologia (PB4 e PB5) e cinco Intérpretes Educacionais (IE1, IE2, IE3, IE4 e IE5), onde ambos os profissionais atuaram juntos durante o período letivo de 2017. Para a obtenção dos dados utilizamos a entrevista do tipo semi-estruturada. A pesquisa atendeu a Resolução nº 466/2012 e os participantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre Esclarecido* (TCLE) e o Temo de Autorização de Gravação de Voz. Após a realização das entrevistas, os dados foram organizados e categorizados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Como se trata de um recorde de um Trabalho de Conclusão



de Curso (TCC) apresentaremos neste resumo expandido apenas uma das categorias: Relação entre os professores de Ciências e Biologia com os Intérpretes Educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relação entre os professores de Ciências e Biologia com os Intérpretes Educacionais

Consideraremos para essa discussão um questionamento realizado tanto para os professores de Ciências e de Biologia quanto para os Intérpretes Educacionais, o qual trata justamente sobre a existência ou não de uma parceria entre esses profissionais durante o planejamento das aulas, como exposto na Tabela 1.

Tabela 1: Participação do intérprete na elaboração do plano de aula

Pergunta	Professores que citaram	
O intérprete tem participação da elaboração do plano de aula?	Sim	-
	Não	PC1, PC2, PC3, PB4 e PB5
Pergunta	Intérpretes que citaram	
Você participa da elaboração do plano de aula juntamente como o professor?	Sim	-
	Não	IE1, IE2, IE3, IE4 e IE5

Fonte: autoras da pesquisa.

Os dados expostos na Tabela 1 demonstram que não existe nenhum tipo de parceria entre professor e intérprete durante o planejamento das aulas, ou seja, esse plano é elaborado somente pelos docentes de Ciências e de Biologia. Abaixo estão expressas duas falas conjuntas dos entrevistados, que apesar de serem negativas trazem pressupostos necessários para a construção dessa parceria, a qual estamos a defender.

PC2: *“Não, no geral não, acho que isso é até uma deficiência, ele deveria participar para contribuir se a gente pudesse agregar a nossa prática alguma intervenção diretamente voltada para o individuo com essa deficiência”.*

IE2: *“Não, não participava”. “Acho importante participar, muito importante, porque se o professor não entende da educação inclusiva, eu acho que no intérprete ele teria uma ajuda, um auxílio né? de como chegar a esse aluno, de como atingir esse aluno, de como ajudar o aluno a ter um melhor aprendizado”.*



PB5: *“Não tem participação. Agora assim, a intérprete esse ano solicitou que o professor fizesse esse plano diferenciado para o aluno surdo, né? Ai nos estamos tentando conduzir isso da melhor forma possível”.*

IE5: *“Não, não participo. Seria, seria bem importante, bem interessante a participação. É assim até para ajudar o professor a adaptar aquele determinado assunto para o aluno surdo né, como ele poderia passar aquele assunto e o aluno surdo entender né, ficar mais claro para ele aquele assunto”.*

O ponto que temos a discutir após a análise da Tabela 1 e dessas quatro falas conjuntas é sobre os dados que emergiram em todas as respostas: a não parceria ente professores e intérpretes na elaboração do plano de aula. De acordo com Lacerda, Santos e Caetano (2011) o intérprete é o profissional responsável por intermediar a comunicação entre o professor (usuário da Língua Portuguesa) e o estudante surdo (usuário da Língua Brasileira de Sinais) e vice versa. Se o intérprete atua entre essas duas línguas possibilitando “o acesso às informações e conteúdos ministrados pelo professor ao aluno surdo”, logo a prática pedagógica adotada por esse docente influencia diretamente na atuação do intérprete e conseqüentemente na aprendizagem do estudante surdo (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2011, p. 112-113). Nesse sentido, para que os professores de Ciências e de Biologia adotem uma boa prática pedagógica torna-se necessário propiciar a participação do Intérprete Educacional na elaboração do plano de aula. As falas de PC2 e IE2 como também de IE5 demonstram que esses profissionais já possuem a consciência de que é preciso estabelecer essa parceria, pois a soma de seus conhecimentos beneficia na aprendizagem do estudante surdo. Nessa perspectiva, Santos (2014, p. 30-31) reforça que “[...] o professor precisa do IE para lhe auxiliar nas questões da surdez e da Libras (que ele desconhece) e o IE necessita da boa atuação e conhecimento do professor para que seu trabalho seja efetivo”.

Finalizamos essa discussão enfatizando a necessidade dessa parceria entre os professores de Ciências e Biologia com o Intérprete Educacional, pois ambos os profissionais compartilham de conhecimentos específicos que ao serem combinados se tornam essenciais para a promoção de uma educação de qualidade ao estudante surdo. “Isso implica em dizer que a relação entre o professor de ciências e intérprete de LIBRAS,



interfere diretamente no ensino e aprendizado dos alunos surdos e traz implicações para o entendimento dos conceitos científicos” (OLIVEIRA, 2012, p. 93).

CONCLUSÃO

Os resultados da pesquisa realizada apontam que o ensino de Ciências e de Biologia para estudantes surdos em classes regulares vem ocorrendo sem o estabelecimento de uma parceria entre os professores e os intérpretes educacionais interferindo diretamente no processo educacional do estudante surdo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Surdos; Ensino de Ciências e de Biologia; Intérprete Educacional; Docentes.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

FELTRINI, G. M; GAUCHE, R. **ENSINO DE CIÊNCIAS A ESTUDANTES SURDOS: PRESSUPOSTOS E DESAFIOS**. VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis-SC, Atas do VI ENPEC, 2007.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997, 2002.

LACERDA, SANTOS, L.F.; CAETANO, J.F. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. Língua Brasileira de Sinais: uma Introdução**. São Carlos: Coleção UAB –UFSCar, 2011.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Walquíria Dutra de. **Estudos Sobre A Relação Entre Intérprete de Libras e o Professor: Implicações Para O Ensino De Ciências**. Goiânia, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Goiânia, 2012.

SANTOS, Lara Ferreira dos. **O fazer do Intérprete Educacional: práticas, estratégias e criações**. São Carlos, 2014. 200f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial – PPGEEs, linha: produção científica e formação de recursos humanos em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2014.